

LAFETÁ – MEU AMIGO MINEIRO

Elisa Guimarães

O desaparecimento dos amigos defrauda o patrimônio afetivo que vamos edificando ao longo do tempo e à luz do conforto da presença dos entes queridos. Não se repara o efeito da ausência. A lição inexorável da morte surpreende-nos pequenos enquanto recapitula a marca da fragilidade humana.

No entanto, aqueles que partem detêm o poder da ressurreição em nossa lembrança – reflexo nostálgico da consciência. Somos os responsáveis por sua permanência no mundo do convívio e da fraternidade.

Tanto mais responsáveis quanto mais sua falta nos é penosa e nos soa impreenchível – sua passagem entre nós tendo deixado raízes de devotamento e amizade.

Assim, a memória de João Luiz Lafetá – vida perpetuada em valores que se traduzem em sábia resistência ao cerco da morte.

Traçar aspectos do seu perfil é reavivar o sentido de suavidade que emanava de sua presença.

Inteligente, observador e crítico, o convívio de Lafetá com colegas e amigos, apesar de sua natural reserva, marcava-se pela cortesia.

Pouca conversa e nenhuma confidência mantinham-no a um tempo amável e circunspecto, mergulhado em mineira discrição. Ele próprio aludia a esse recato, remontando-o à infância, à adolescência em Montes Claros, cidade onde nasceu.

De quando em quando, nesse quase ostracismo, uma palavra incisiva, quase irrespondível. Outras vezes, em clave trocadilhesca (era hábito seu lançar mão do trocadilho), fazia-se capaz de por muito tempo prolongar o riso geral.

E sempre, em demonstração extra de habilidade e generosidade – dom que é, na essência, um compromisso de grandeza – dispunha-se a executar

ele só tarefas das quais dois ou mais colegas se desincumbiriam com dificuldade. Na sua obsequiosidade e coleguismo, nenhuma cobrança de retorno.

Espírito feito de energia, vontade e determinação, animava-o ainda um coração extremamente sensível. A mão que se lhe estendia firme, sincera, fraterna traçava, enlaçada à sua, a rota da confiança e da amizade mútua. Confiança e amizade refletindo no convívio com os colegas a chama do amor que o ligava aos que de mais perto desfrutaram de sua intimidade – os pais e os irmãos.

Professor, soube fazer do magistério um tema, um compromisso com os anseios de realização profissional.

Alunos de todos os níveis e das mais diversas condições puseram à prova a competência, a dedicação e a paciência do Mestre, que então se exercitou na prática de virtudes antagônicas e difíceis de ver combinadas: firmeza e complacência, austeridade e perdão, juízo e tolerância. Qualidades do homem que se multiplicam no comportamento do professor, não o deixando perder a dimensão humana das coisas, mesmo ao lidar com situações ásperas ou aparentemente frias.

Em sala de aula, Lafetá dividiu com muitas inteligências substancial bagagem – fruto de devotado convívio com os livros onde hauriu sólida formação literária refletida em agudo espírito crítico.

Exauriu a força da missão de professor com o máximo de prazer em degustá-la e fazê-la degustar. Seu desígnio pareceu um só: saber, para fazer o bem; saber mais para beneficiar melhor; beneficiar os alunos para, assim, gratificar-se aos seus olhos sempre vigilantes consigo mesmo.

Pesquisador percuciente, sondava a anatomia artística dos fatos literários, penetrando fundo no mistério do texto, na magia do autor.

Mário de Andrade e Graciliano Ramos foram fontes de inspiração das páginas mais expressivas de seu talento crítico.

Surpreendido pela doença implacável, a força de seu espírito não se demitiu da esperança, tampouco renunciou à coragem, parecendo ter feito um acordo de existência pacífica com a dor.

Marcado por extrema fineza e sensibilidade, empenhou-se em não transmitir ao outro o peso do suportar da doença, da expectativa sombria da morte.

Preparou-se para o fim com a mesma dignidade com que vivera.

Deixou-nos, por tudo isso, o modelo de uma vida fecunda, generosa, compartilhada.

De Lafetá fica-nos o exemplo e a saudade, par a par com a bela e límpida imagem do dever bem cumprido.